



O MONGE

(Quadro de Rebello Junior)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

·Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Nnmero avulso	60

Acaba de ser posto á venda o

Manual de Adoração ao SS. Sacramento

DO PADRE A. TESNIERE

Tradução do P. José A. d'Oliveira

Magnifica edição. Preço, 300 réis. Pelo correio, 330 réis.

Quem comprar 12 exemplares ou mais, tem o abatimento de 20 p. c., mandando-os procurar ao respectivo depósito, n'esta administração.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47, Rua da Fabrica, 49 — PORTO

*Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas
e todos os mais artigos e aprestos religiosos.
Execução de encomendas para as Provincias,
Ilhas, Ultramar e Brazil.*

PREÇOS E TODAS AS INFORMAÇÕES

Pereira d'Abreu, Filhos

SUCCESSOR

José da Silva Franca

CALLOS SÓ OS TEM QUEM OS QUER!

O **Callicida Dias** faz cair os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a *Manuel Joaquim Dias* — VERMOIM — FAMALICÃO.

PENSÃO UNICA EM LISBOA

No coração da cidade, perto da Estação Central do Rocio, a poucos metros da Avenida da Liberdade — na RJA DA ALEGRIA, 90, 1.º — fica esta **Pensão**. E' deslumbrante, soberbo, o panorama que d'ahi se espraia, abrangendo, em semi-circulo, a melhor area de Lisboa, ficando-lhe em meio, essa soberba Avenida, e aos pés uma admiravel encosta de verdura, um bosque frondoso de plantas sempre verdes, sempre viçosas — o Jardim Botânico. Estando no centro da cidade, sentimos nos viver na mais aprazível das quintas. Está continuamente em **ares**, quem allí reside, é uma verdadeira **Estancia de saude**.

A par d'este bem estar ha uma alimentação pura, sadia, innocente, agradável, natural, sem temperos excitantes, sem ingredientes que tanto envenenam a pobre vida humana! A materia prima, carne, vinho, azeite, vinagre, nada é comprado nos estabelecimentos da cidade, vem directamente da provincia de casa do proprietario, e de casas particulares. E' assim que, estando na cidade, se vive n'uma athmosphera pura e sadia, como na provincia; e como na provincia nos alimentamos tambem.

Tudo isto, que é litteralmente verdadeiro, é coroado por um preço excepcional. E' que a **Pensão**, desejando e querendo ser honesta e seria, aspira a um fim moral e humanitario. Não se admittem senão pessoas honestas, serias, sociaveis. Ha quartos por preços modicos.

Da provincia deve-se prevenir antecipadamente.

O DIRECTOR — *Padre João Antonio Fidalgo.*

Modo de ajudar á Missa segundo o rito romano. Em latim e português, intercalado de explicações

E DESTINADO ÀS **Catecheses da Doutrina Christã** (Por um Presbytero)

(2.ª edição). Preço 30 réis. A' venda n'esta Administração.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Veloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

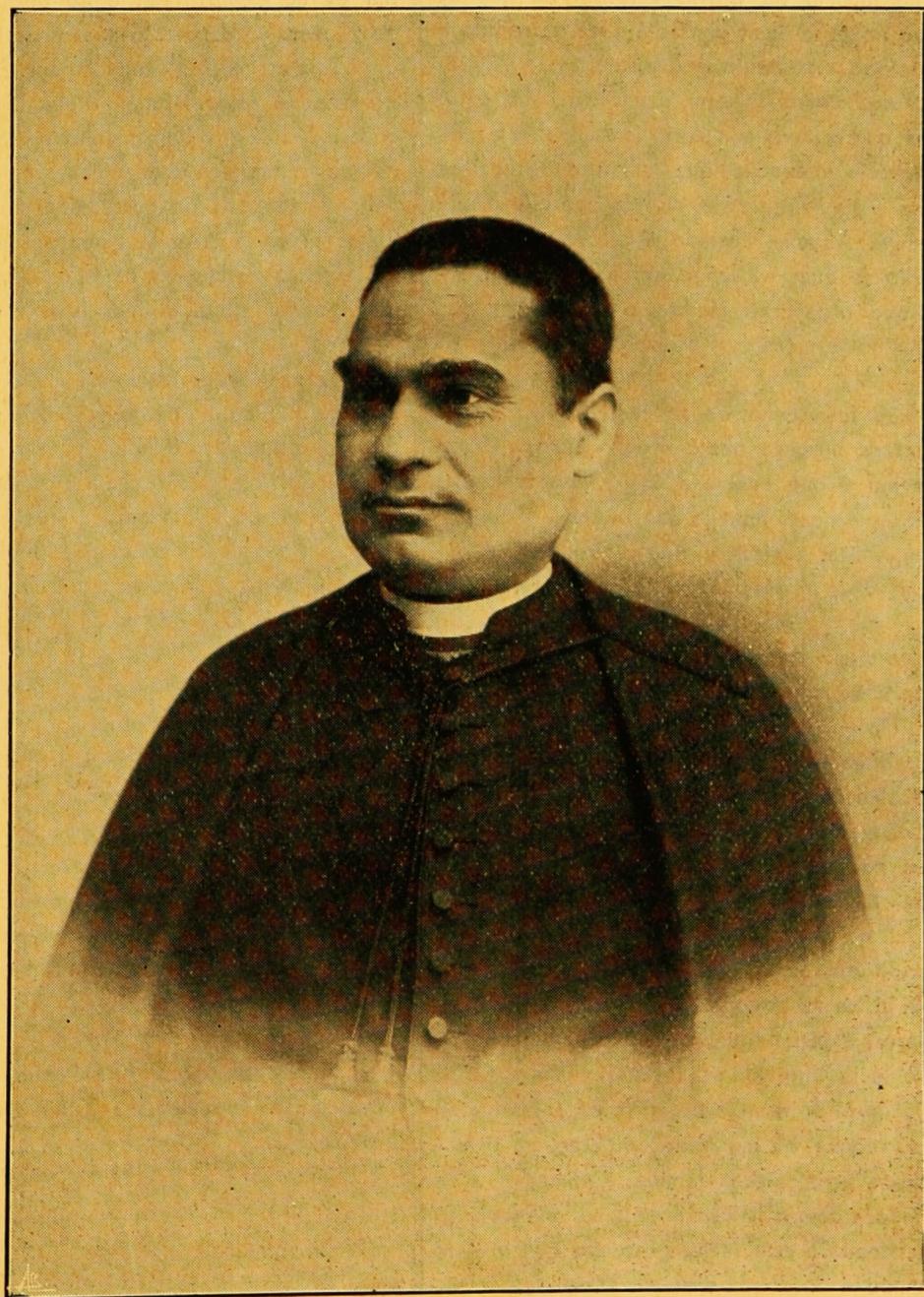
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de feveiro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 86—Anno II



D. José Alves Mattoso

(Novo Bispo da Guarda)

ELEITO EM 3 DE OUTUBRO DE 1914

Chronica da Semana

LXXXIV

ESQUISSO

ENTRE a última mancheia de *confetti* e o primeiro dobre de sinos de quarta-feira de cinza, se terão espalhado mais *blagues* acerca da recusa ou da acceitação pelos monarchicos da proxima refrega eleitoral. Anda por ahi borbulhando das conversas e discussões uma serie de paradoxos politicos, mais reveladores de anemia ou desvio cerebral do que de critica funda e bem pensada. Este, franzindo o sobreceño e riscando mollemente no ar o gesto breve das charadas sem decifração, diz entre dentes que o novo ministerio tem afinal a tarada intolerancia d'aquelle que guiou os primeiros passos mais que incertos do regimen ditoso que nos suga. Aquelle, abrindo a cara em larga affectação de quem vê longe, como as bruxas, declara que o governo ainda não demonstrou que cortava as relações com a nação.

Não intervenhamos na contenda. O sisudo e honrado burguez que é o bom-senso, sempre aconselha a que andemos longe dos tumultos, pois é velho que aquelle que pretende illuminar as discussões, arrisca a integridade das costellas e sahe de lá desfeitoado quasi sempre...

Ha quem pretenda ver na hesitação em que baloicam as mais altas figuras realistas um symptoma claro d'essa athmosphera de messianismo que o abandono dos postos e o commodismo das abstenções foi creando, pouco a pouco, durante os ultimos tres annos de esperanças nas invasões pela Galliza ou nas revoltas da tropa, que tem filhos...

Nós queremos crer que o positivismo da politica não consente já em nossos dias uma reedição das ôcas prophcias do Bandarra; e assim aquella hesitação significa que só agora, quando a lucta suprema se torna precisa, e surge claramente a hora propria do assalto decisivo ás rotas muralhas da desordem, só agora os monarchicos percebem o mal que fizeram deixando-se ficar entre a familia, a alimentar a fé na restauração libertadora com a leitura saccudida dos jornaes da opposição. E, attendendo a este facto, prevendo que o eleitorado ou se acostumou á bordoadá e ao medo, ou se entregou com ruidoso escandalo aos senhores do poder, preferem atirar para cima do governo com a culpa de lhes coarctar as

liberdades do que soffrer á bocca da urna uma desillusão de arrancar lagrimas e percutir o peito, em ar contricto...

Isto pensamos nós que ainda outro dia rimos a bom rir quando um alviçareiro nos veio segredar que a abstenção é a melhor arma para se alcançar o regresso da corôa «ao seu paiz», pois que era constado que as potencias no fim de se esmurrarem, e ao discutirem as soluções dos problemas, ao debater o nosso decidiriam applicar o remedio á raiz do mal, collocando o snr. D. Manuel no seu lugar, e mandando o snr. Arriaga á sua ilha! Com semelhante descoberta, andava o homensinho radiante, destacava solemne as palavradas p'ra que entendessemos bem o prognostico e voltando-se para os correligionarios que perto discutiam, tinha um ar superior de quem possui no bolso embrulhado no lenço azul e branco, como os camponios fazem as moedas, o segredo final de tudo isto.

Este sujeito pertencia á numerosa legião dos que ainda sonham que um dia os governos da republica, considerando alfim que a realeza é indispensavel por muitas e variadissimas razões, resolverão chamar os monarchicos a capitulo e presentea-los com um *extincto* regimen, novo em folha. Tem muito de parecença esta ingenua tolice com as infinitas paciencias do evolucionismo aguardando que o poder lhe venha parar ás mãos de escantilhão, por um magnanimo raciocinio dos animaes da raça canina.

Nunca faltou a uma missa por alma dos Reis assassiados ha sete annos. E se não vae, diz elle, visitar ás ceideias os presos politicos, é porque lhe faz mal á saude a humidade das prisões.

De resto, um simples mocinho adocicado, vestindo bem, contando anedotas sem melindre, e mostrando a toda a gente um retrato de João Franco com este commentario sybilino—*este é que era!*...

Entretanto, todos por ahi ainda interrogam com fingidos accessos de impaciencia:—vae-se ou não se vae afinal ás eleições?...

F. V.

VIDA INTENSA

H

HOJE no telhado visinho, hospedou-se a primeira andorinha; o sol teve o seu primeiro galanteio; a natureza ardente e moça, sorriu luminosa na bocca amavel d'uma flôr.

D'onde virá? Em que extranho paiz bateu azas essa nomada amavel, que traz o sol e a fartura, o calor e a seiva poderosa, que rasga o riso fecundo das arvores adolescentes e agita, commove, sensualisa, a corolla das flôres? Como um ruflo suave d'aza intranquilla, n'um fremito de vida agitou a adolescencia da natureza, e as arvores, começaram de vestir-se de flôres, esplenderam de seiva!...

D'onde virá? Precursora da fartura — aza leve tremendo na poalha doirada do sol, abrindo um horizonte esplendido e vasto de gloria e de grandeza, de que extranho e recondito paiz virá longinqua, annunciadora de felicidade e de paz?



Um casamento no Minho

BRAGA (Adaufe) — O snr. Francisco José Pimenta com sua esposa D. Beatriz Elvira Almeida Saldanha e convidados, no dia do seu consorcio

Mares salgados povoados d'algas e de minas, ennovellados d'ondas e destroyers, planicies tranquillias, afflictas e ameaçadoras, florestas immensas de corpos batendo-se, ruínas, montão, a sua aza nobre e protectora cruzou a zola...

D'onde virá?... Que surto de mundo lhe serviu d'asylo — ave vagabunda á procura d'um ninho, sempre fiel, na esteira ardente do sol!...

No tope dos couraçados, que o odio semeia pelos mares a sua



aza tremeu como um psalmo d'harmonia, um ramo biblico d'oliveira... Cortando o ar limpido e sereno, pairou sobre as ruinas, os escombros, os cacos tragicos das raças, que se degladiam e matam e altiva, simples como uma flôr, grande como uma ideia limpida, passou incolume sobre tanta desgraça...

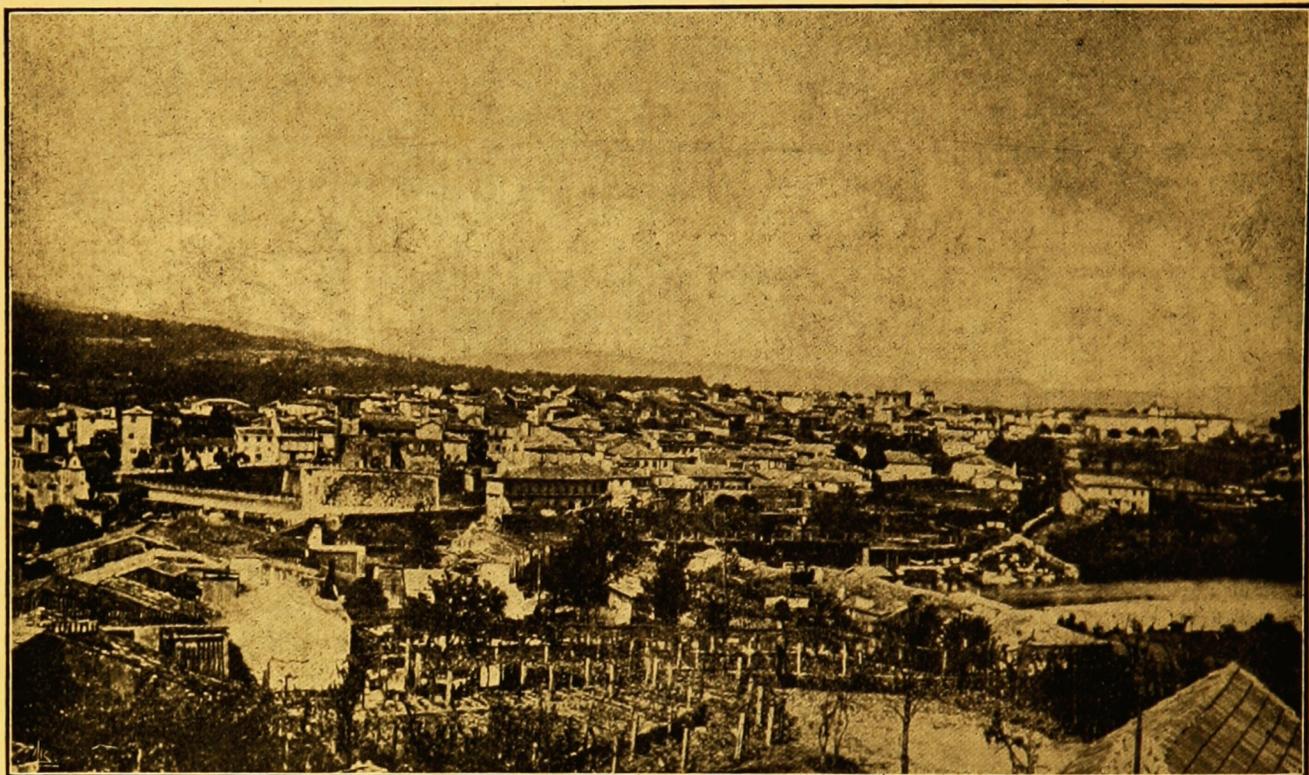
E logo... depois... as suas irmãs virão tambem para a paz dos seus ninhos, para a alegria dos enfermos, que as esperam anceadas como o derradeiro clarão, para o amor immenso das folhas que alpendram o vosso lar, todas trazendo nas azas leves, o mesmo fremito esplendido

A villa de Barcellos

∞∞

BARCELLOS occupa uma vasta e formosa planicie, na margem direita do rio Cavado. E' como villa, a primeira povoação da provincia do Minho, bem como uma das maiores e mais formosas do paiz.

Villa progressiva, a sua area é enorme, abrangendo já parte das freguezias de S. Martinho ao poente, e de Arcozelo ao nascente. E' cortada por extensas ruas e amplas praças, orladas por magnificos edificios.



BARCELLOS—Vista geral

de vida, que vae vestir os campos e as arvores e quebrar o somno mysterioso das flôres...

E no beiral visinho onde se hospeda desde hontem a primeira andorinha, uma voz doce, meiga, rythmada com beijos, murmura mansa.

E' a primavera... E' a primavera...

E as arvores, as flôres, os montes, as campinas, os valles, os rios, os ninhos e as fontes, echoaram esplendidos um halalih de fartura:

Primavera! Primavera!...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



D'estes podem destacar-se pela sua vastidão e elegancia, o Hospital da Misericordia, um dos melhores do paiz, e a Camara Municipal. Este ultimo edificio é um grandioso palacio com 18 janellas de frente, e ao centro duas altas e elegantes torres dentadas de ameias; occupa toda a parte norte da Praça Municipal, no qual estão todas as repartições publicas.

Templos, ha-os magnificos, podendo mencionar-se os seguintes:

Collegiada; Bom Jesus da Cruz; Ordem Terceira; Misericordia e Terço, etc.

Muito mais de interessante ha n'esta villa, o que não publicamos por falta de espaço.

Barcellos, tem cerca de 2100 fogos com mais de 10 mil habitantes.

Durante a guerra

III

JAPONEZICES

∞∞



OMECEMOS pe-
los japonezes, que
estão mais longe.

O leitor decerto não pre-
tende que eu lhe impinja uma
lição de japonês n'estas des-
pretenciosas cavaqueiras ao
serão, entre as torradas e a
chavena de chá. Mas se lhe
eu disser, leitora, que já tem
uma nodoa de chá no seu
kimono, decerto leitor e lei-
tora estão muito longe de

imaginar que *chá*, *chavena* e *kimono*
são palavras de importação japone-
za. Pois continuemos assim a se-
roar, sobre coisas do Japão, sem
o espantinho das exposições cien-
tificas.

Por muito atilado que seja o
leitor, garanto-lhe que não conse-
guirá, nem estudando toda a vida,
noite e dia, aprender o *a b c* japo-
nez. Não é que eu duvide da sua
intelligencia; mas é que em japonês
não existe *a b c*, não há alfabeto!
O que ha são *syllabas*. *A I U E O*,
são *syllabas* vogaes; ha tambem as
syllabas consoantes, que são in-
variavelmente formadas pelos sons das
nossas consoantes *k, s, t, n, h, m,*
y, r e w—e deixem passar o *y e w*
entre as consoantes, para simplificar

a exposição; os sons *g* (como em *gallo*), *z, j,*
d, b e p tambem apparecem em japonês *sem-*
pre antes dos sons *a i u e o*, formando as *sylla-*
bas consoantes:

ka	ki	ku	ke	ko
ga	gi	gu	ge	go
ma	mi	mu	me	mo
rā	ri	ru	re	ro
na	ni	nu	ne	no, etc.

D'onde vem que as palavras japonezas são
sonoras, bonitas, facéis de pronunciar: *moku-*
roku, catalogo; *nakama*, companheiro; *kataga-*
ta, ao mesmo tempo; *nema*, quarto de dormir;
musume, menina; *iku mai?*, quantos; *iku tabi?*,

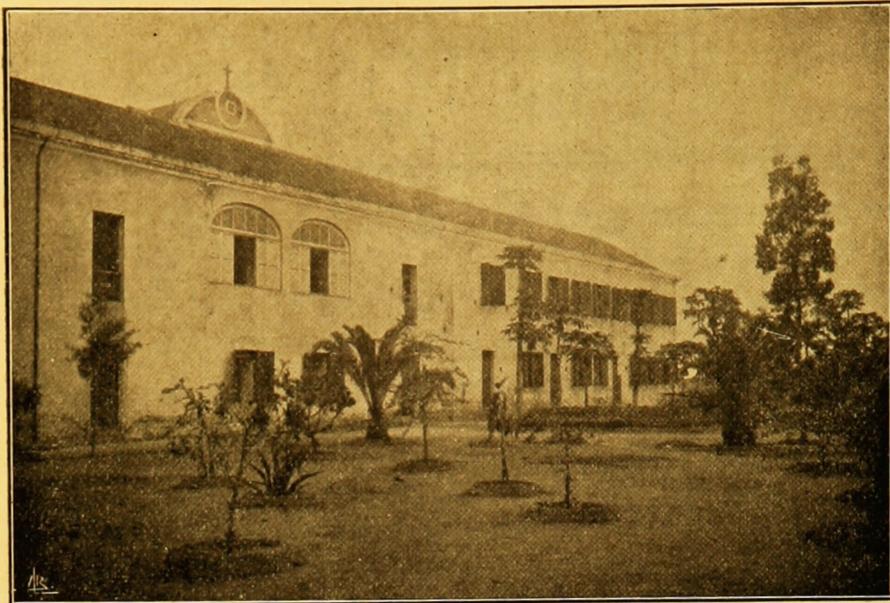
quantas vezes, etc. De resto o lei-
tor lembra-se dos nomes dos ge-
neraes da ultima guerra russo-japo-
neza: *Kuroki, Oku, Nogí*, etc., e
dos nomes das cidades do Japão:
Tokio, Kioto, Nagasaki, Yokoha-
ma, etc.

Quanto á leitura, aparte algu-
mas excepções, as duas regras se-
guintes são animadoras: *cada lettra*
tem um unico som e cada lettra,
em todas as palavras, deve ser
pronunciada claramente—recordando sempre
que em japonês não ha lettras, mas sim *sylla-*
bas. O *accento tonico*, em regra, na penultima
syllada.

Dos signaes *syllabicos* não fallo, porque
na *typographia da Illustração* não os ha. Basta
dizer que os principaes são 152, de origem
chinezinha, formando um *syllabario* em duplicado.

Ora agora vamos á *grammatica*, que tem
que se lhe diga. O leitor occidental não faz a
mais pequena ideia do que é a *grammatica* ja-
poneza, que pouco ou nada tem de semelhante
á nossa e ás linguas da Europa. Artigo... não
ha! *Otoko* significa *homem*, o *homem*. um *ho-*
mem, como *homo*, em latim. Quanto aos sub-
stantivos: *genero*, não ha; *numero*, não ha; *caso*,
não ha! Assim: *dori* pode significar *gallo* ou
gallinha; o sentido o dirá. Se põe, não é gallo
— até o snr. Nunes da Matta descobre isso!
N'alguns casos a differença de genero é indi-
cada por outra palavra: *otoko*, homem; *onna*,
mulher; *musuko*, rapaz; *musume* (pronuncie
mus'me), rapariga; *chichi*, pae; *haha*, mãe. A's
vezes antepõem-se as *syllabas on* ou *o* ao mas-
culino e *men* ou *me* ao feminino: *on dori*, um
gallo, *men dori*, uma gallinha. Variantes para
indicar o plural tambem não ha. Umaz vezes
repete-se a palavra, com uma leve alteração,
como *kusuri*, remedio, *kusuri-gusuri*, remedios;
kuni, região, *kuni-guni*, regiões; outras vezes
juntam-se ao substantivo as palavras *domo*, *gata*,
shu, etc. Assim *yakunin*, official; *yakunin gata*,
officiaes; *tomo*, amigo; *tomo dachi*, amigos.

Casos, como em latim *homo*, *hominis*, *ho-*
mini etc., tambem não ha. Empregam-se *pospo-*
sições para os indicar, em vez das nossas *pre-*
posições. *Tori*, passaro; *tori no*: do passaro;



LOANDA (Africa) — Edifício do Seminário

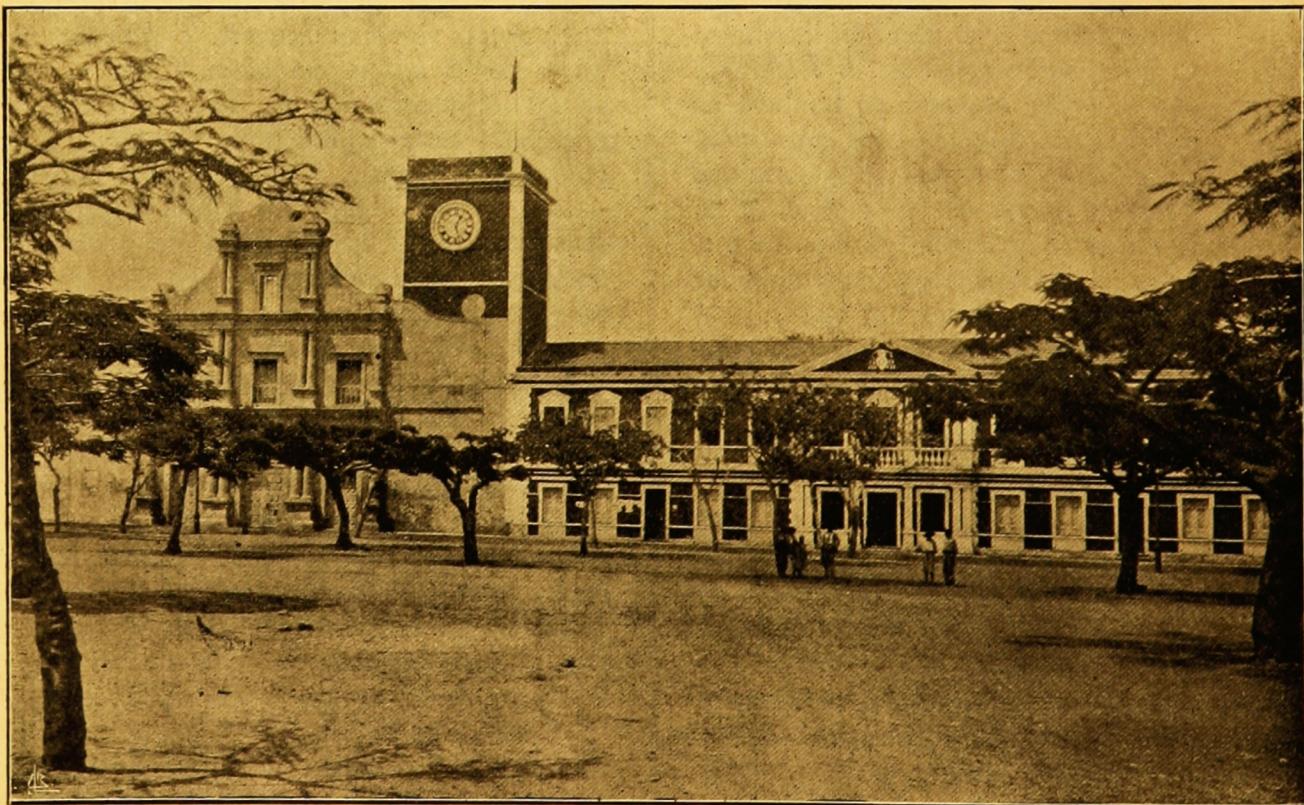
tori ni: ao passaro ; *tori wo*: o passaro (accusativo); *tori kara*, ablativo, etc. etc. As palavras que indicam o plural collocam-se entre os substantivos e as posições: *Yakunin gata ni — Kippu wo — misemashita*: litteralmente: *official os a — bilhete o — mostrei*: mostrei o bilhete aos officiaes.

Depois d'este breve almiré sobre o artigo e o substantivo, o leitor espera algo sobre o adjectivo. Animado pelo que fica dicto, cuida já que o adjectivo deve ser coisa simples tambem. Engana-se. Tratarei do adjectivo no proximo serão, depois do verbo, porque em japonéz o adjectivo... conjuga-se, como os verbos! Verdade seja que o verbo não tem singular, nem plural, nem distincção de pessoas! Veremos isso e... *muchas cosas más*.

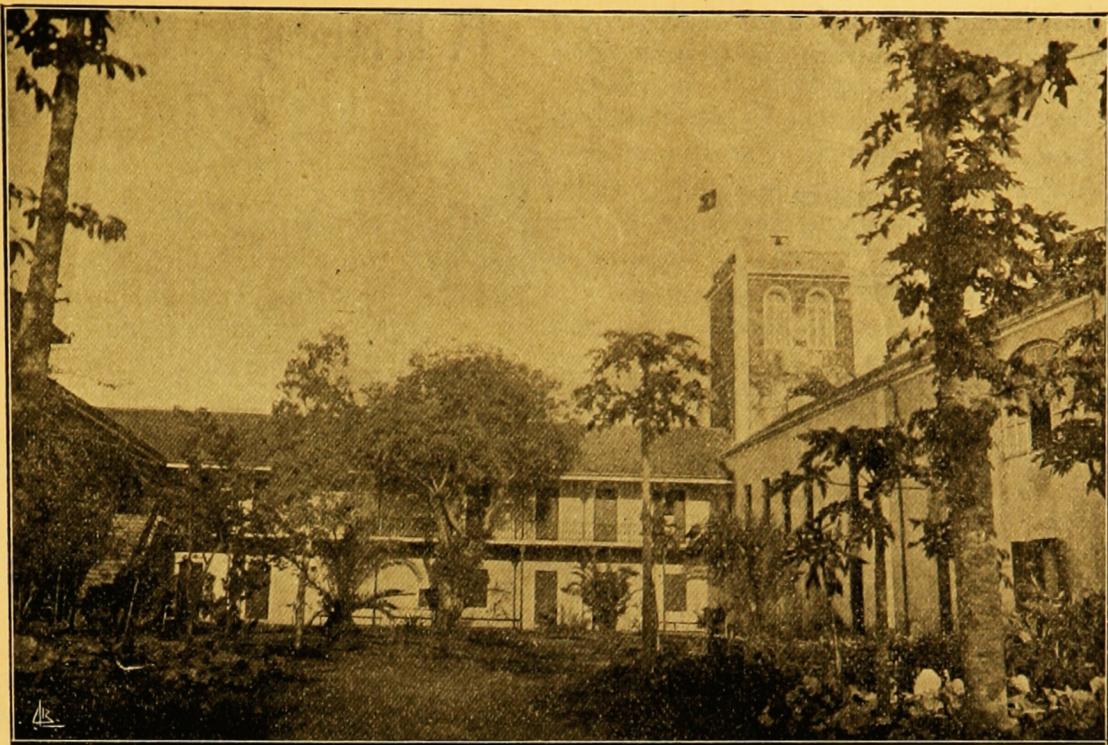
NO
||
CU

historia autentica, que mostra como elle observa. Um dia vem ter comigo e disse-me: Papá, as senhoras inglezas chamam-me *darling*, *yes, my darling*; *no, darling*. Que quer dizer *darling*? Eu, que costume fallar francez com elle, expliquei-lhe que o *darling* dos inglezes «equivalia» ao *chou* dos francezes: *Mon chou*: minha couve! — expressão affectuosa. O rapaz poz-se a pensar, e sahiu-se com esta: Nada, *couve* não é *darling*, é *cabbage*!...

Agora me estou eu lembrando de quando elle começou a aprender francez, e afrancesava as nossas palavras, quando não sabia as francezes. Uma vez, querendo dar a uma senhora um *beijo muito chiado*, disse-lhe muito serio: *Je vais vous donner un baiser tres...* — e o particípio passado do verbo *chiar*, mas em



Paço Episcopal



LOANDA — Vista interior do Paço Episcopal

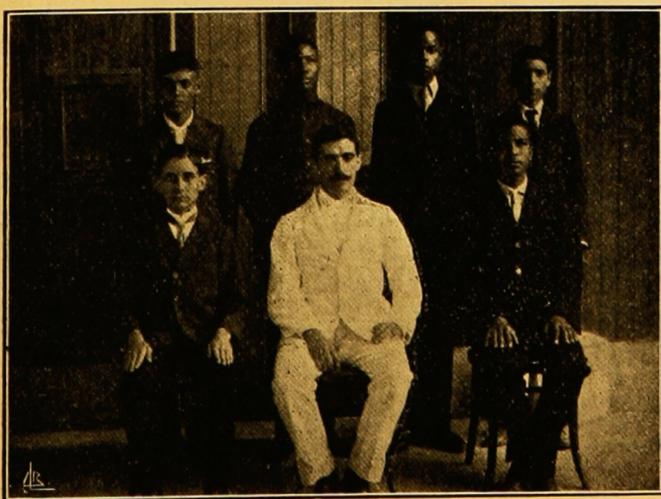
francez... Até parecia o nosso Antonio Macieira, mas com mais graça...

É antes que me esqueça, ahi vão algumas composições curiosas de palavras: Desçoço diz-se: *kubi*; mão é *te*; *te-kubi*; da mão pesçoço, vem a ser: *pulso*! *Ashi* é pé; *ashikubi*: do pé pesçoço: é o tornozelo. Mas sendo *ashi*: pé e *te*: mão, é claro como agua que *teashi*: mão-pé, significa: *membros*.

O allemão, na Europa, offerece-nos exemplos identicos: *Finger* dedo; *Hut*: chapéu; *Fingerhut*: chapéu do dedo; *dedal*. *Hand*: mão; *Schuh*: sapato; *Hand schuh*:



Alumnos e perfeitos do Seminario Episcopal



Professor e alumnos de mathematica do mesmo Seminario

sapato da mão: *luva*!

Continuemos com os nomes europeus no Japão: bife, em inglez *beef-steak*, em jap: *bi-futeki* (os hespanhoes fizeram *bisté*! Cerveja, ing, *beer*, jap. *biiru*; chocolate: *chokoretsu*; cigarro: *shigaru*; creme: *kuriimu*, limonada: *ramune*; salada: *sarado*; sopa: *soppu*; copo: *koppu* (que provavelmente tomaram dos navegadores portuguezes); faca: *naifu*, do inglez *knife*, pronunciado *naife*, donde o calão portuguez *naifa*, *naifada*, etc. (Cfr. *Diario das sessões do parlamento portuguez dos ultimos annos ou A giria portugueza do sr. Alberto Bessa...*); capa: *kappa* (talvez dos portuguezes); flanella: *furaneru*, pronunciado *franero* (provavelmente do portuguez); botão: *botan* (idem) escova: *burashi* do ing. *brush*.

E, se me dão licença, *ponho aqui fecho*, como diria o sr. Ayres de Gouveia, na *Queda de um anjo*. Até ao proximo serão.

ARTHUR BIVAR.

A mãe de Estevão o Grande



A Moldavia septentrional, entre Piatra e Folticent, vê-se, sobre uma montanha sobranceira ao rio, as ruínas de um antigo burgo, chamado Niamtz, de que bem pouco resta. A pequena povoação era constituída quasi inteiramente com as pedras da orgulhosa fortaleza.

Outr'ora, esta praça reputada inexpugnável servia de habitação a Estevão, poderoso príncipe da Moldavia. Travara elle já cincoenta batalhas, das quaes jamais voltara ferido, e fazia levantar uma igreja em signal do seu reconhecimento ao céu pela victoria alcançada.

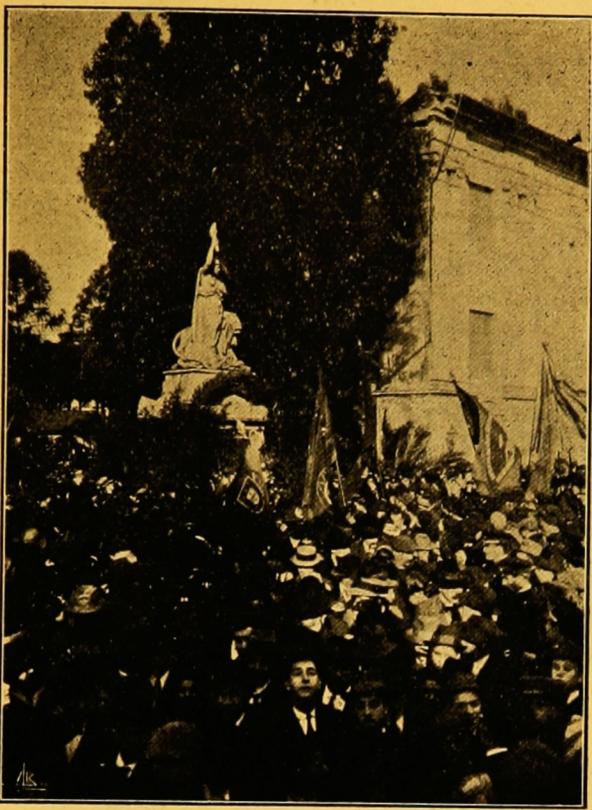
N'esta epocha, offercia singular difficuldade reinar na região do Baixo Danubio. A visinhança dos Turcos, Polacos, Hungaros, Cossacos e Tartaros não permittia repouso quer de dia quer de noite. Mas Estevão parecia erguido à altura da sua missão e o povo depositava n'elle uma ilimitada confiança.



LOANDA — *Professor e alumnos de portuguez (1.ª parte) do Seminario*



Alumnos de instrucção primaria — escola annexa ao Seminario



PORTO — *Festas commemorativas do 31 DE JANEIRO*

O cortejo civico, organizado pelas aggremações republicanas, passando em frente ao monumento levantado no cemiterio do Prado do Repouso em honra dos mortos por ocasião da revolta

N'aquelle dia, um novo e terrivel recontro se dera e do alto das ameias da fortaleza podiam seguir-se-lhes as peripecias da lucta. Havia tempo já que ella tomava um aspecto desanimador e dir-se-hia que d'esta vez a fortuna dos combates se dispunha a abandonar Estevão.

No burgo, duas mulheres tinham ficado: uma era a esposa de Estevão, a outra sua mãe. A joven princeza deixava correr-lhe sobre as rosadas faces, emolduradas d'uma larga cabelleira doirada, abundantes lagrimas. Ora contemplava n'um olhar fixo a planicie, ora, na angustia do terror, occultava o seu rosto sob o véo para nada vêr.

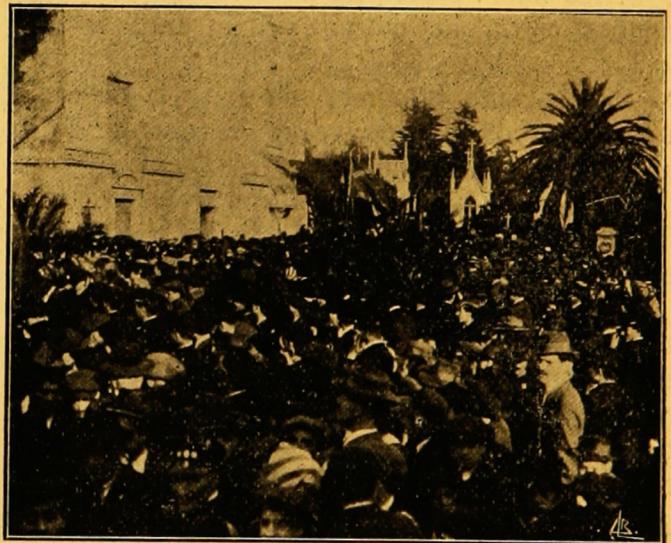


O snr. general da divisão fazendo a continencia ao passar em frente da estatua

Outro tanto não acontecia com sua mãe. Essa, de pé, ao lado da joven, contemplava o espectáculo horrivel sem um movimento e sem uma palavra. O sobreceño energicamente contrahido, sob elle scintillavam os seus grandes olhos castanhos, que, com a linha brusca do nariz, davam á sua physionomia o quer que fosse d'um perfil de aguia.

Um véo de seda finamente tecida cobria-lhe a espessa cabelleira preta, de que o sol parecia extrahir reflexos azulados, enquadrava-lhe as faces, atando sob o mento, saliente e firme, que uns labios fortemente cerrados dominavam. A bocca era rasgada; quando se abria, deixava vêr duas fieiras de dentes d'uma alvura brilhante que ainda mais accentuavam a expressão energica do semblante. Vestida de ricos estoffos de seda, ella lá ficou todo o dia, no alto da muralha, sem tomar o menor alimento ou bebida, o olhar preso no mesmo ponto. De momento a momento, poisava a linda mão sobre o hombro de sua nora e dizia-lhe algumas palavras de coragem e de força.

A sua voz era viva e cheia, e incutia tran-



A multidão no cemiterio

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «I. Cath.»)

quillidade á espoza mergulhada n'uma angustia mortal.

Mas de subito, o aspecto do campo de batalha tornou-se tão inquietante que a inquietação a ambas subjugou.

Os combatentes approximavam-se de minuto a minuto e dentro de pouco tempo Estevão viu-se reduzido á defensiva.

—O' minha mãe, elles vão matar-m'õ,

—Estevão alcançará victoria ao fim do dia!

A gravidade com que estas palavras foram pronunciadas, sustâram as lagrimas da joven. E entretanto o ruido do entrevêro era cada vez mais distincto: a tarde vinha tombando no céu, melancolicamente.

O sol fôra ardentissimo, mas parecia precipitar-se agora sobre o horizonte, e as sombras estiravam-se na planicie. O crepusculo

envolveu todas as coisas, já nada se podia distinguir. Depois, a escuridão foi completa.

As duas mulheres escutavam, sem fazerem o menor movimento, com medo de que o roçar dos estofos lhe fizesse perder o menor dos rumores longínquos. De repente ouviu-se uma galopada, e violentas pancadas caíram na porta do castello.

—O' minha mãe, é Estevão, eu sei-o: tenho a certeza d'isso... Deixe-me descer a recebe-lo.

Mas n'um poderoso gesto, a velha mulher arredou a princeza e desceu lentamente a escadaria.

—Quem bate? perguntou ella de dentro sem abrir.

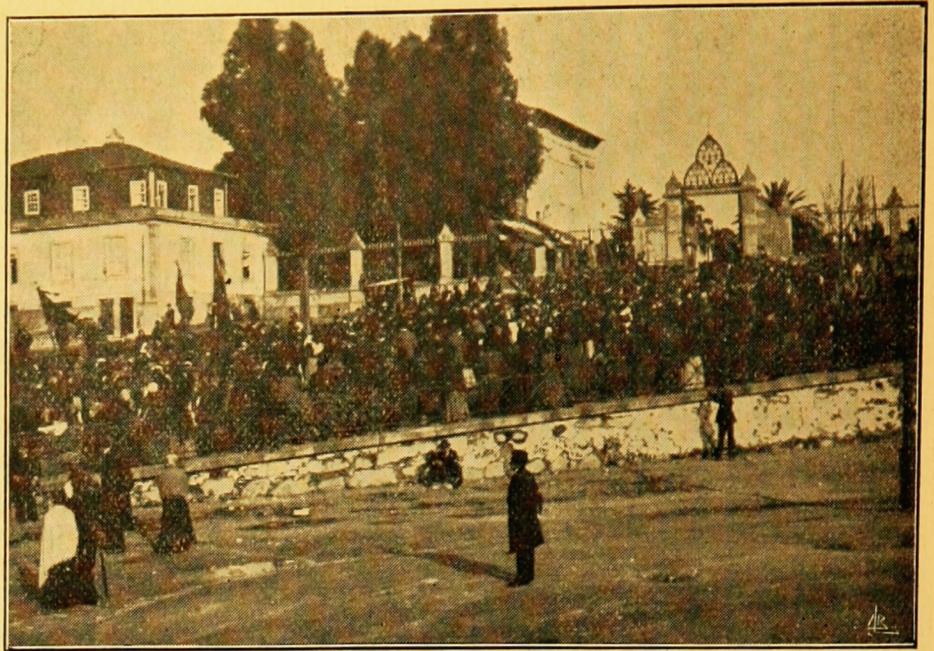
—Estevão, o teu filho.

—Meu filho?! quem és tu, estrangeiro, que pretendes entrar na morada do meu glorioso filho?

—Minha mãe, abre-me, sou eu, o teu filho. Fui vencido, os Turcos veem sobre mim, as minhas feridas queimam-me.

—Não pode ser meu filho quem assim falla, é um desconhecido. Meu filho só regressa dos combates, victorioso.

Meu filho está longe d'aqui e repelle com o seu poderoso braço os inimigos do seu paiz. Mas tu, moço estrangeiro, que me queres causar uma dôr cruel dizendo-te meu filho, ouve isto:—tu não entrarás aqui, porque tu não sabes vencer, busca ao menos no campo de ba-



PORTO — O cortejo á sahida do cemiterio

talha uma morte heroica e então serei para ti uma mãe, e cobrirei o tumulo de flôres...

A jovem espoza cahiu de joelhos, e, pelas suas supplicas e pelas suas lagrimas, tentou deter a velha mãe de seu esposo; porém esta, n'um gesto, ordenou-lhe silencio e poz-se a escutar.

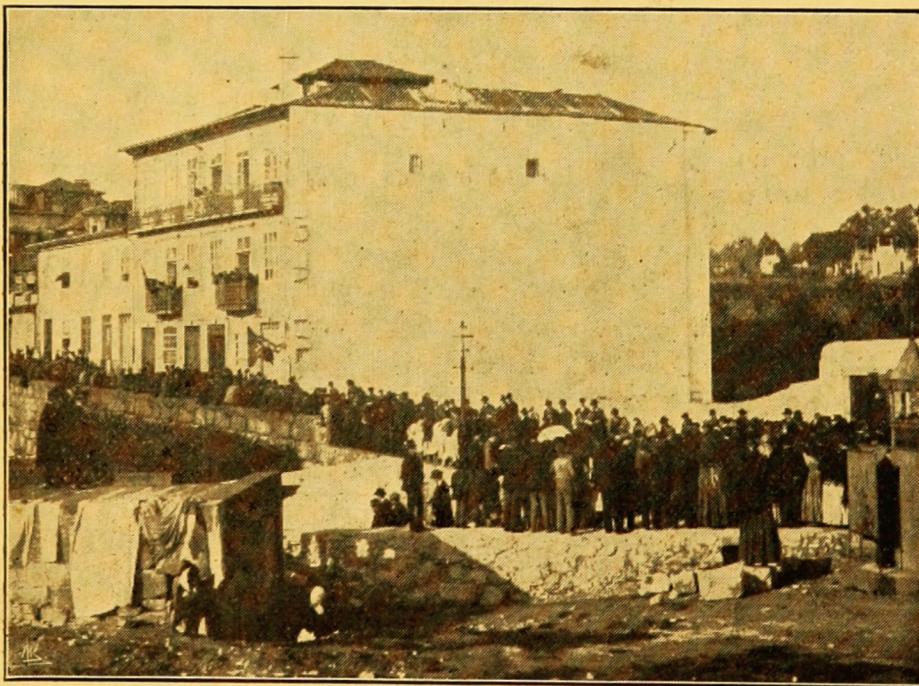
Estevão baixára por um momento a fronte, sob o pezo da vergonha e da dôr, mas erguendo-a bem depressa, saccudiu a cabelleira fluctuante, levou aos labios a sua trompa e lançou nas sombras da noite sons capazes de resuscitar os mortos e faze-los correr atraz de si. N'um instante, o seu exercito reformou-se e cerrou em torno d'elle em boa ordem. Com a rapidez do tufão desceu da montanha, atirou-se raivoso ao meio dos inimigos que, contentes

por o terem vencido, haviam debandado, e em pouco tempo dispersou-os.

O fragor de batalha ouvia-se de cada vez mais longínquo: o vento trazia ás duas mulheres um grito de victoria que lhes fazia saltar do peito o coração.

E de novo, Estevão levou a sua trompa aos labios e tirou d'ella uma canção alegre, caminhando para o castello cujas ameias se perdiam nas alturas do estrellado céu. Logo depois viam-se correr numerosas luzes que volteavam de todos os lados; apressavam-se os preparativos d'uma brilhante recepção.

De novo, resoou pela collina o galopar d'um cavallo, e Estevão surgiu á frente dos



A passagem do cortejo pela rua de S. Victor

(Clichés do phot. am. snr. J. R. de Castro)

seus guerreiros na porta larga e aberta do castello.

Apenas viu sua mãe, desmontou e inclinando-se profundamente deante d'ella, disse-lhe:

—Minha mãe, é a vós que devo esta victoria.

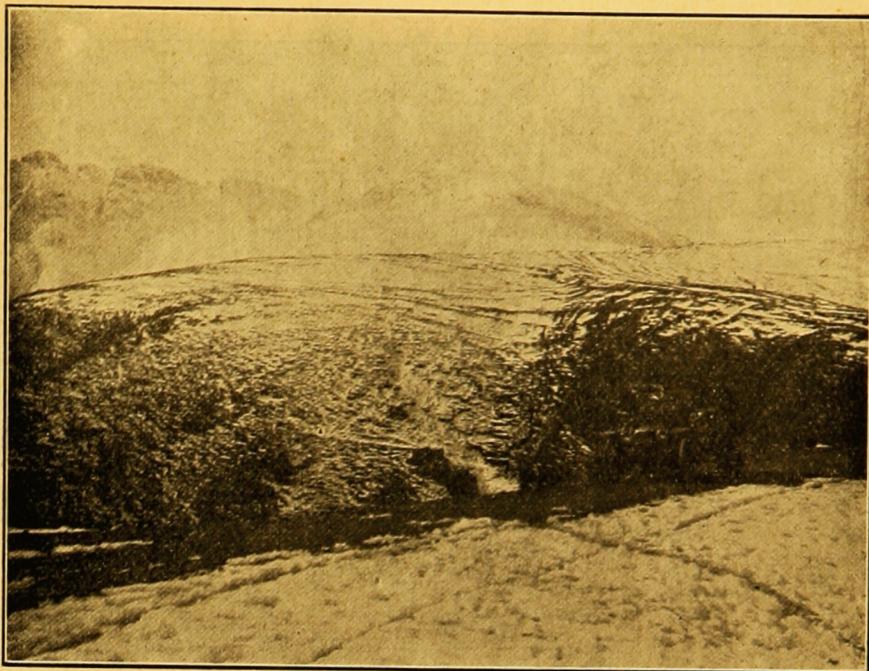
E pela primeira vez, os olhos d'esta mulher humedeceram, tremaram os seus labios, enquanto o heroe recebia nos seus braços a jovem esposa, radiante.

—Tu ias abrir-me a porta, murmurou elle.

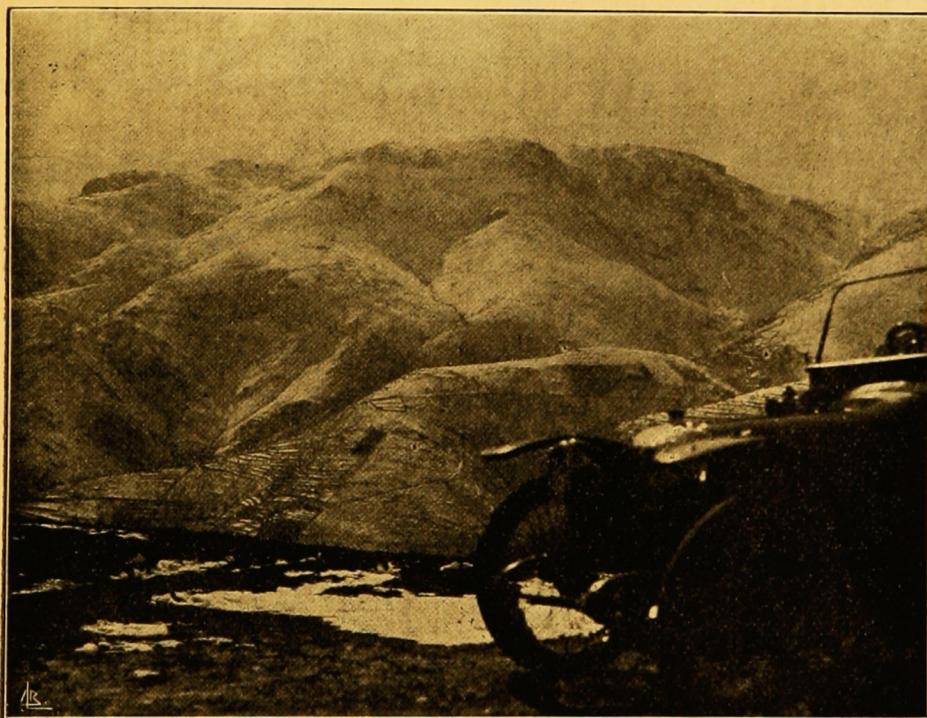
Ella estreitou-o a si.

—Amo-te tanto e estava inquieta, disse ella em voz quasi sumida.

—Mas, replicou elle em al-



SERRA DO MARÃO — Logar da Campeã



A Cumeada por occasião das últimas nevadas. (Altitude 1:415 metros)

ta voz, minha mãe ama-me ainda mais do que tu!

CARMEN SYLVA.
Rainha da Romania

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

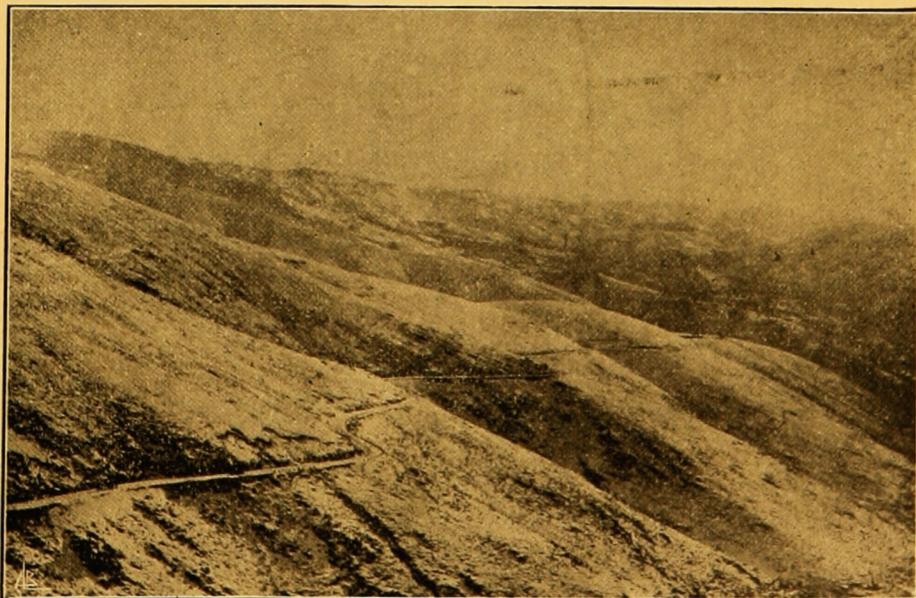
Visconde de
Guedes Teixeira

XV

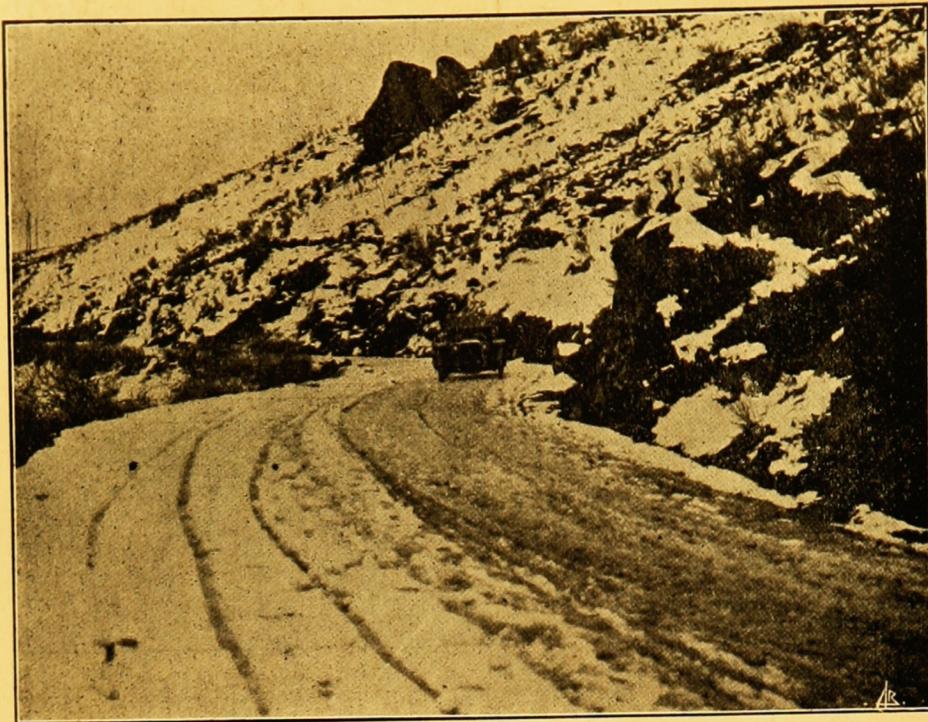
∞∞



ESTES sonho, diz o citado snr. Andrade, entrava tam-



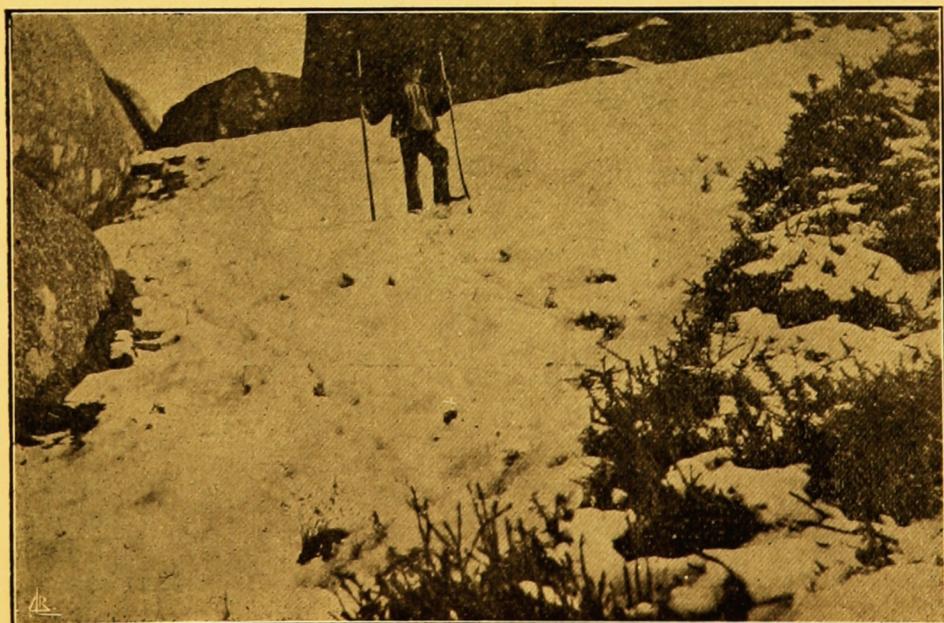
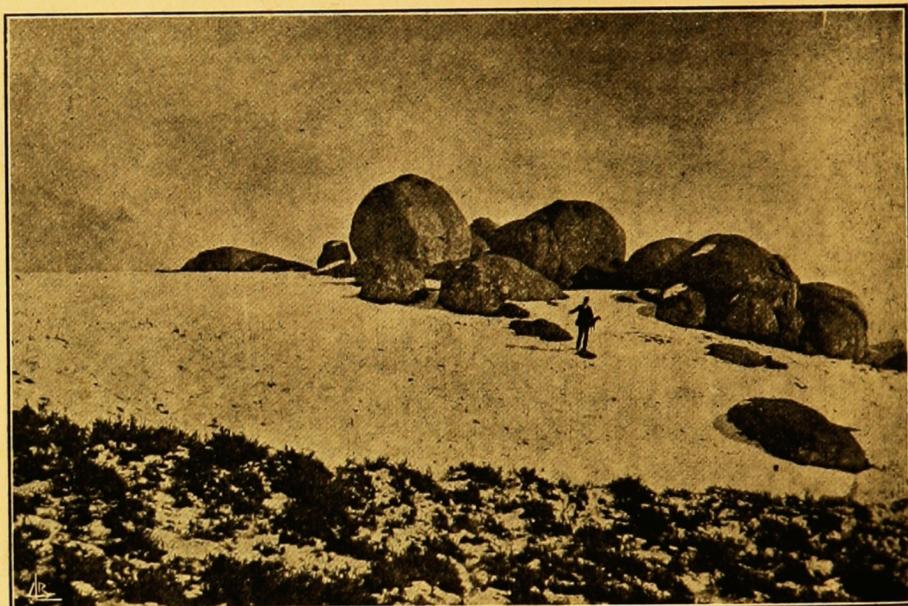
Panorama da Portella de Espinho. (1:019 metros de altitude)



SERRA DO MARÃO—Subida de Quintella na estrada da Regoa a Amarante

(Clichês de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

Terra de famosos vinhedos, com habitantes laboriosos e energicos, é um dos suburbios mais pittorescos e fecundos da cidade de Echa Martim. Além d'isso, o Barosa offerece uma poderosa força motriz, e os technicos que o Visconde chamou, nacionaes e estrangeiros, foram unanimes em affirmar que, canalizado o rio n'uma extensão modesta, se obtinha uma formidavel cachoeira com mais de oitenta metros de altura. O tempo veio dizer ainda mais, porque a Companhia Hydro-Electrica do Barosa verificou em 1912, depois de ter comprado á Viscondessa de Guedes Teixeira aquelles terrenos,



que a grande queda d'agua obtida com a canalização do Barosa tem, em vez de oitenta metros, cento e quarenta e oito, cachoeira pouco vulgar no nosso paiz.

Animou-se muito o Visconde com a opinião dos engenheiros. Decidido a operar, mas sempre com solidez e amplitude de vistas, viajou então por Portugal, estudando os principaes centros fabris, visitando principalmente Thomar, a Covilhã, Lisboa, o Porto, e logo seguindo para a França e para a Belgica, e isto durante bastantes annos que lhe inspiraram muitas memorias, plantas e projectos, obrigando-o, entretanto, a consideraveis dispendios de dinheiro, energias e estudos.

Mas, se a principio plani-

zara uma grande obra, com o tempo a realidade pura e esmagadora impoz-se-lhe incoercivelmente.

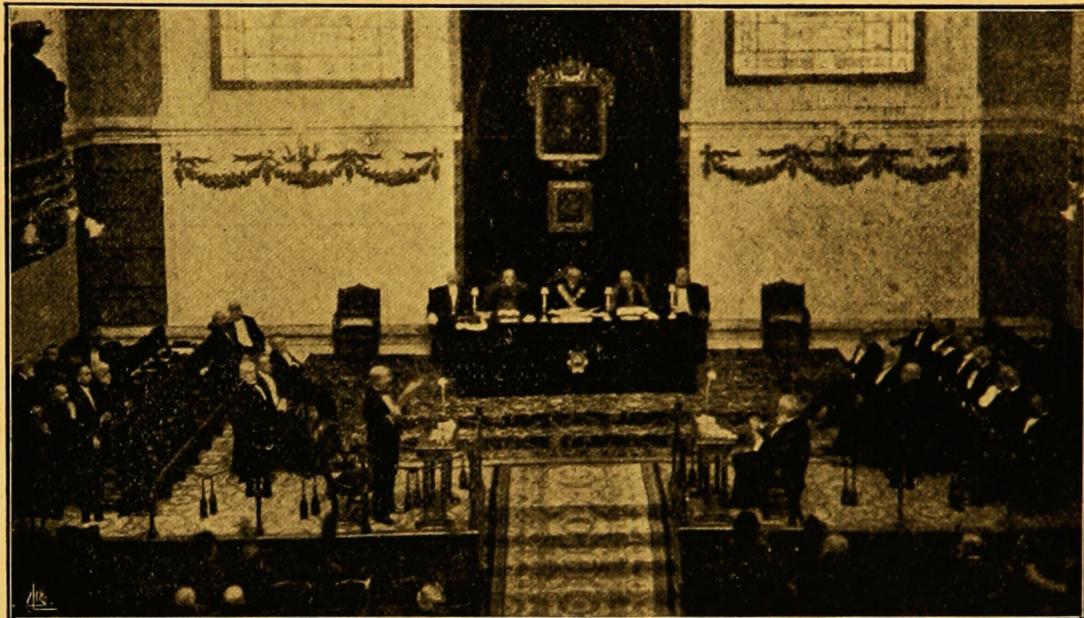
JOSÉ AGOSTINHO.

1) *TEBOSA (Braga) — O nevão de 27 de janeiro no Penedo das Lettras.*

2) *Outro aspecto do nevão no mesmo monte.*

(Clichês de F. Marques Pinto)

NOTAS DO ESTRANGEIRO



HESPAÑA (Madrid)—Aspecto do Salão da Academia da Língua durante o discurso do novo academico Menendez Pidal

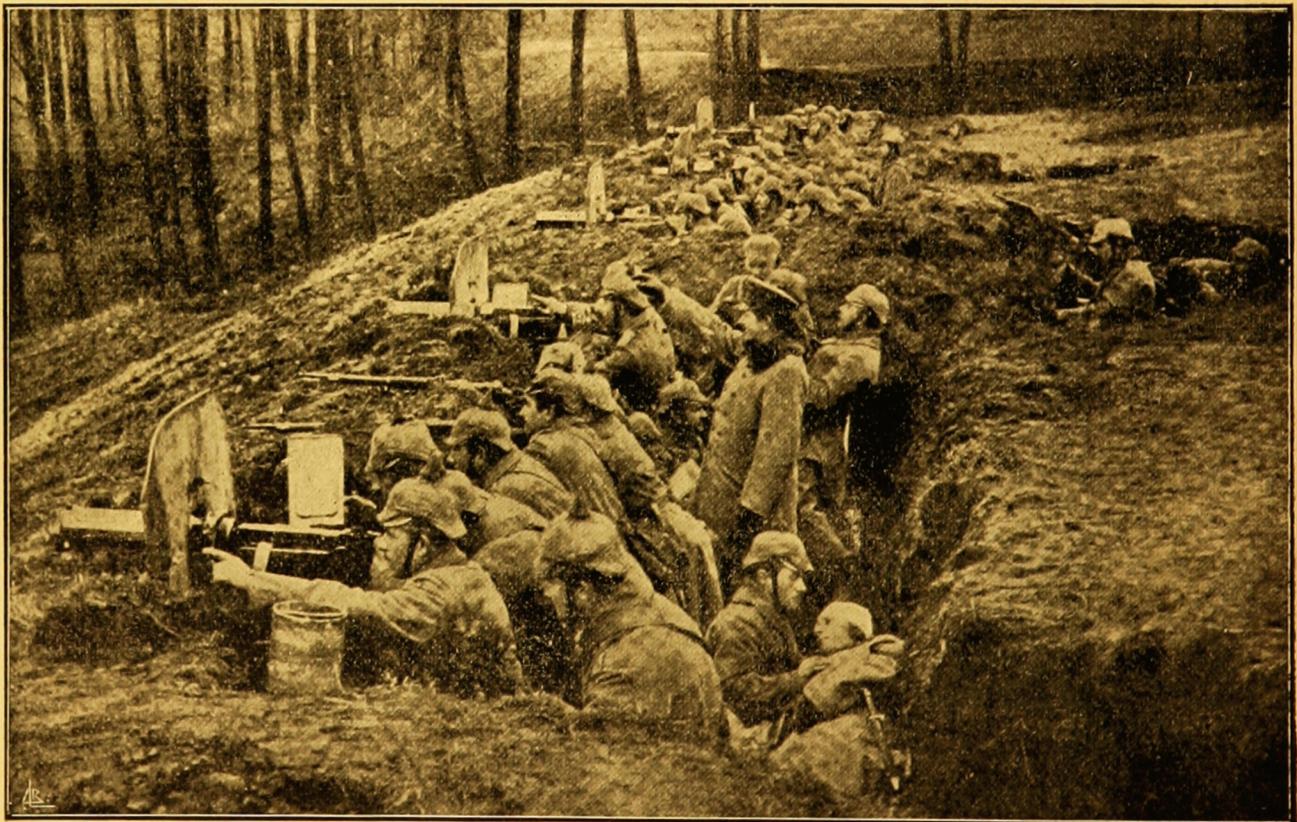


BARCELONA—Presidencia da festa celebrada pela Liga da Boa Imprensa no Seminario Conciliar

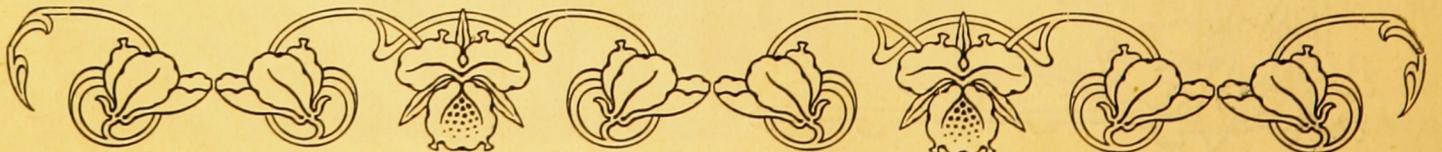
A Guerra Europeia



Soldados allemães despedindo-se das famílias antes de partirem para o campo da lucta

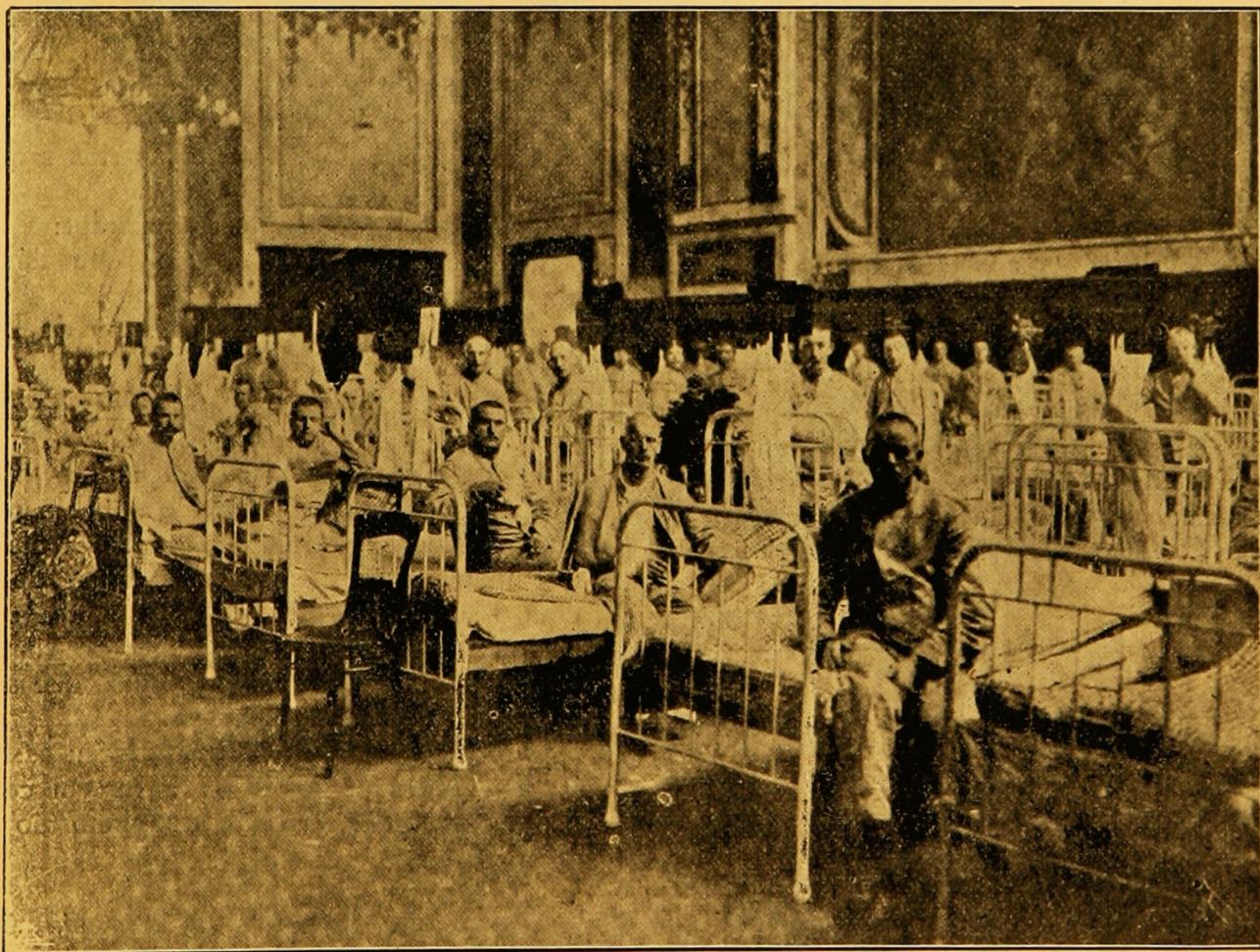


Os soldados allemães combatendo o inimigo nas immediações de Darkhemen.





A imperatriz da Alemanha na estação de Berlim em visita a uma nova carruagem hospital da Ordem de S. João



O salão de um restaurante de Berlim transformado em sala de hospital para os soldados feridos



Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



ISAAC Newton ficou-se depois de jantar deante do fogão de bom lume porque o inverno até enregelava as arvores despidas de folhagem. Mas a fogueira cresceu e o calor era já tão vivo, que o sabio sentia-se arder. Tocou fortemente a campainha, e quando o creado appareceu disse-lhe azedo:

—Arreda-me o fogão que estou quasi asado.

O creado depois de afastar o fogão, observou-lhe:

—Tambem o senhor bem podia ter chegado a cadeira atraz.

Newton não pôde deixar de sorrir:

—Palavra d'honra, não me lembrei de tal!

Newton e o creado

Bispo de Vizeu

Um movimento popular levou ao governo o bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins, e uma cabala politica o reconduziu á sua diocese. Conta-se que o rei D. Luiz lhe dissera:

—Meu caro bispo, uma onda o trouxe e uma onda o leva.

Não demorou a resposta o rijo transmontano:

—E' verdade, meu senhor, mas acautele-se V. Magestade da resaca.

Parece que foi então que disse ainda:

—Porque olhe, meu senhor, esta corôa—e batia na cabeça—não ha ninguem que m'a tire e a de V. Magestade pôde cahir.

Favre e Olivier

Na sessão legislativa de 1864 e a proposito d'um projecto de lei sobre a liberdade das grêves, foi duro o debate entre Emilio Olivier e Julio Favre. Os dois, tantos annos unidos e amigos, trocaram explicações amargas.

A' sahida da sessão, Julio Favre, que via com profundo pezar romper-se essa longa fraternidade de annos, estendeu a mão a Emilio Olivier. Este deu alguns passos sem a aceitar, hesitou e voltou atraz.

—E' muito tarde!

Respondeu-lhe Julio Favre.

Não falta nem um botão

O debate tinha sido violento na camara.

Thiers fallou, sob a ameaça de muitos punhos fechados, contra a guerra com a Allemanha. Seguiram-se-lhe Julio Favre, Grévi, Manoel Arago. Emilio Olivier que era o presidente do governo, e Gramont que era o ministro dos estrangeiros, defenderam-se mal. A' comissão encarregada de preparar um relatorio com respeito aos creditos votados urgentemente, disse o ministro da guerra Leboeuf:

—Estamos promptos, não falta nem um botão d'uma polaina.

Palavras tristemente celebres.

Resposta de portuguez

O imperador Carlos V não podendo esconder o resentimento contra D. João III que impedia o casamento da infanta D. Maria, disse em tom de ameaça ao embaixador portuguez, Lourenço Pires de Tavora:

—Eu sei muito bem quantos rios e quantas pontes tem o reino de Portugal.

Resposta prompta do embaixador:

—Senhor, tem os mesmos que tinha faz hoje cento e trinta e quatro annos.

Era esse dia o do anniversario da batalha de Aljubarrota.

Alva e redondo

Em tempo de Filippe II disputaram o duque d'Alva e o conde de Redondo sobre a renda e antiguidade da casa de cada um. Um dia o duque mandou ao conde uma garrafa de vinho com o seguinte recado:

—Offereço-vos essa garrafa de vinho por ser muito velho, e por valer mais que as rendas que recebeis de Portugal.

O conde de Redondo agradeceu assim:

—Admiro-me muito de haver em casa tão nova, como a de V. Senhoria, vinho tão velho!

O que faz honra a um homem, não são as suas opiniões, são os seus sentimentos. — *Schiller*.

Só ha um meio de edificar solidamente: é edificar sobre a virtude. — *Malhão*.